

direção do tratamento

A política do sintoma na direção da cura

Dominique Fingermann

“O sintoma institui a ordem pela qual se verifica nossa política”
(Lacan)¹

O império da ciência e a extensão política de seu discurso não cessam de anunciar os progressos do progresso para reduzir os sintomas da falta-a-ser e do mal-estar, em sinais de distúrbios de uma civilização que faz de tudo para erradicar essa “estrangeiridade” que assombra as luzes da *polis*. Não nos deixemos intimidar, já que para nós está claro que nossa ética, “a práxis da teoria”, não está colaborando com esse tipo de progresso, e que nesse sentido o saber do psicanalista é um saber “que nem sequer pode, o saber da impotência, eis o que o psicanalista numa certa perspectiva, uma perspectiva que não qualificarei de progressista, eis o que a psicanálise poderia veicular”.² Não nos deixemos constranger, pois urge ainda mais nossa responsabilidade ética lembrada mais uma vez por Lacan na sua *Conférence à Genève sur le symptôme*:³ “não seria mau, talvez, que o analista desse certo testemunho de que sabe o que está fazendo”. Um saber fazer que leve em conta o Real.

Ora, se há algo que podemos e devemos testemunhar nesses tempos de “furor sanandi”, é de nossa operação sintoma, operação sobre o sintoma, com o sintoma, pois, por princípio o sintoma se articula com a operação própria da psicanálise. É isso “o salto da operação freudiana. Ela se distingue por articular às claras o status do sintoma com o seu, pois constitui a operação característica do sintoma em seus dois sentidos”.⁴

Não é uma operação de guerra contra o discurso capitalista, mas é uma partida acirrada na qual estratégia, tática e política⁵ contribuem para devolver ao sintoma seu alcance político, seu “efeito revolucionário”: “Não há diferença, uma vez iniciado o **processo** entre o sujeito que se dedica à subversão, a ponto de **produzir o incurável** em que o ato encontra sua finalidade própria, e **aquilo que do sintoma assume um efeito revolucionário**”.⁶

Do começo ao fim de uma análise, o que vetoriza a cura, a direção de seu processo (lógico) e de sua experiência (que inclui o real) é uma política do sintoma, em três atos. O desdobramento desses três atos na cena psicanalítica opera um tratamento da relação entre

¹ Lacan. *Lituraterra* (2001, p. 23). No original : [...] Le symptôme institue l'ordre dont s'avère notre politique [...].

² Lacan. *O Saber do Psicanalista* (1971-1972/1997, p. 25). No original (Le savoir du Psychanalyste: Paris, Seuil, p. 23): [...] qui n'en peut mais, le savoir de l'impuissance voilà ce que le psychanalyste, dans une certaine perspective, une perspective que je ne qualifierai pas de progressive, voilà ce que le psychanalyste pourrait véhiculer [...].

³ Lacan. *Conferência em Genebra sobre o sintoma* (1975/1998). No original: [...] Il ne serait peut être pas mal que l'analyste donne un certain témoignage qu'il sait ce qu'il fait [...].

⁴ Lacan. *Do sujeito em questão* (1966/2003, p. 235). No original: [...] le saut de l'opération freudienne. Elle se distingue d'articuler en clair le statut du symptôme avec le sien, car elle est l'opération propre du symptôme, dans ses deux sens [...].

⁵ Fingermann. *Estratégia da transferência, tática do ato, política do fim* (2009, p. 21).

⁶ Lacan. *Le séminaire XV – L'acte psychanalytique* (1967-1968/2003, p. 382, grifos meus). No original: [...] Pas de différence une fois le procès engagé entre le sujet qui se voue à la subversion jusqu'à **produire l'incurable** où l'acte trouve sa fin propre, et ce qui du symptôme **prend effet révolutionnaire** [...].

o universal da castração e o singular da solução de ex-sistência, sintome, incurável da estrutura, separação inaugural do sujeito, não todo alienado na identificação ao Outro.

Essa política depende de seu operador, ato, desejo, discurso, função “de analista”: “O psicanalista seguramente dirige a cura”, adverte Lacan no texto de 1958, explicitando: “uma direção do tratamento que se ordena, como acabo de demonstrar, segundo **um processo** que vai da retificação das relações do sujeito com o real, ao desenvolvimento da transferência, e depois à interpretação”.⁷

Processo em três tempos, que podemos ordenar como três tempos lógicos da operação sobre o real do sintoma, que parte da reclamação de seu sem-sentido, prossegue com a exploração do seu sentido suposto até a sacação da sua letra – a cifra sem-sentido, ponto original das elucubrações das voltas e volteios da associação livre.

Instante de ver: entrada em análise – um sintoma “idiota” se atreve a se submeter a um laço, a partir de uma hipótese, suposição, subversão do sujeito, transformando o sintoma objeto em significante da transferência, que passa a representar o sujeito: “retificação das relações do sujeito com o real”.

Tempo para compreender: “dedicar-se à subversão até produzir o incurável”. Os desdobramentos da via do sujeito suposto saber, assim disparada, exploram o sentido do sintoma na experiência da neurose de transferência. Tempo para compreender o que por princípio não se compreende, e que resultará numa dupla extração do incompreensível.

Momento de concluir: a interpretação é, desde Freud, princípio operador sobre o sintoma, operador da política do fim da psicanálise, enquanto “interpreta^{8*}” o que perdura de perda pura; a interpretação conduz à separação.

Política do sintoma - Ato I

Trata-se aqui da “passagem de uma política do avestruz a uma política que se orienta pelo inconsciente” ou do sintoma como encrença à crença no sintoma. Antes do início de uma análise os sintomas são manifestações descabidas, discordantes, inadequadas, politicamente incorretas, inconfessáveis, sem sentido. Estorvam, atrapalham, incomodam, no corpo, no pensamento e nas suas extensões na “vida” (mãe, pai, marido, chefe, dinheiro, bagunça da casa, falta de sorte, de tempo, de filho, de parceiro, de sexo, excesso de filhos, de sexo etc.): “Os sintomas... são atos, prejudiciais, ou, pelo menos, inúteis à vida da pessoa, que por vez, deles se queixa como sendo indesejados e causadores de desprazer ou sofrimento”.⁹

Na entrada em análise, o inconciliável sem sentido do sintoma

⁷ Lacan. *A direção da cura e os princípios de seu poder*. (1958/1998, p. 604, grifos meus). No original: [...] une direction de la cure qui s'ordonne, ... selon un procès qui va de la rectification des rapports du sujet avec le réel, au développement du transfert, puis à l'interprétation [...].

⁸ Neologismo criado por Lacan em *Televisão* a partir das palavras *presto* (rápido) e *emprestar*. No original: [...] L'interprétation doit être preste pour satisfaire à l'entreprêt [...].

⁹ Freud. Conferência XXIII (1915-1917/s/d).

faz questão e faz laço: inclui o analista. O “salto da operação freudiana”, seu atrevimento, tem que ser reproduzido a cada entrada em análise, é um salto que subverte o mal-estar que de estorvo, “estranheiridade” incômoda, se transforma em questão sobre o sujeito via uma suposição de sentido; assim “a forma externa do conteúdo dos sintomas individualmente” permite o acesso ao mais “íntimo âmagô”.¹⁰ “Não há dúvida, quem quer que venha nos apresentar um sintoma acredita nele. O que isso quer dizer? Se ele nos pede nossa ajuda, nosso socorro, é porque ele acredita que o sintoma é capaz de dizer algo, que é preciso somente decifrar”.¹¹ A crença no sintoma, explica Lacan, é o primeiro passo da entrada em análise.

As primeiras entrevistas com um analista são sempre muito impactantes, tencionadas por uma inquietação premente, mas indecisa, a presença de algo inconciliável. Alguma coisa paira nas linhas e entrelinhas, que presentifica de diversas formas uma divisão, uma discordância entre enunciado e enunciação indicando algo do “individual”, um dizer que transparece pelo intermédio de uma certa opacidade subjetiva. Algo se presentifica no afeto e a voz – seja embargada, *blasé*, tonitruante ou hesitante que busca dizer, transformando a angústia em enunciados que, desde já, incluem o analista e o saber que ele é suposto deter sobre o enigma de seu desejo: “o que isso quer?” Acusar recebimento dessa enunciação informulável é a entrada do analista, que abre as duas vertentes da transferência: a suposição de um saber sobre o enigma do sujeito assim representado e apresentado na declamação/reclamação, e a função do objeto, ou seja, de algo que não se subjetiva nem se compreende, mas se põe em causa. Transformar a queixa em sintoma analítico analisável em que o sujeito estará em questão e desdobrar sua demonstração não acontecerá se o analista não tiver consideração para essa mostraçã singular do inconciliável, “a essência do discurso analítico é um discurso sem palavra”.¹² O analista, desde o início, não se apresenta como cúmplice do sentido, mas parceiro de seu enigma fundamental. O paradoxo do ato do analista está desde já em função; por um lado, calado, ele acolhe o “Que se diga...”,¹³ “insondável decisão do ser”¹⁴ o inconciliável singular ponto de partida da enunciação, mas por outro, atento, ele dá trela aos enunciados vetorizados pelo sujeito suposto saber.

Política do sintoma - Ato II: A reviravolta da verdade

Se a psicanálise começa com uma irrupção de nonsense, ela continua como uma “prática do sentido”: ao se engancha ao enigma do

¹⁰ *Idem ibidem.*

¹¹ Lacan. *Le séminaire XV – L'acte psychanalytique* (1967-1968/2003, p. 382, grifos meus). No original: [...] Pas de différence une fois le procès engagé entre le sujet qui se voue à la subversion jusqu'à produire l'incurable où l'acte trouve sa fin propre, et ce qui du symptôme prend effet révolutionnaire [...].

¹² Lacan. *De um outro ao Outro* (1968-1969/2008, p. 11).

¹³ Lacan. *Létourdit* (1972/2001, p. 449). No original: [...] Qu'on dise reste oublié derrière ce qui se dit dans ce qui s'entend" [...].

¹⁴ Lacan. *Propos sur la causalité psychique* (1966/1998, p. 177).

analista (seu desejo), o nonsense faz cadeia. A presença do analista, o seu posicionamento, posição do inconsciente, dispara a associação livre onde o sentido se desencadeia em direção a um parceiro “que tem chance de responder”, para que esse caminho desemboque no “melhor que se pode esperar de uma análise no fim”,¹⁵ e não no pior. Essa prática do sentido – do sentido simbólico ao sentido real – parte do nonsense do sintoma, desdobra-se nos diversos sentidos dos sintomas que a transferência suporta para, no final das voltas, deduzir o fora de sentido primordial de sua contingencial corpustância original.

Essa prática – tempo para compreender – confere de saída ao *falsus* do sintoma um valor de verdade: “que representa o retorno da verdade como tal na falha de um saber”.¹⁶ A partir daí, enquanto a estratégia neurótica vetorizava-se em direção à verdade, a direção da análise vai resultar em três dimensões da verdade.

1 - Em direção à verdade mentirosa

O trabalho de construção, desse tempo para compreender, procede pelas vias poéticas de metáfora e metonímia, trabalho “encantador” que tem todas as seduções possíveis para se transformar numa tarefa interminável (um parceiro paciente, condescendente, que permite sair da idiotice do sintoma, bem acompanhado!).

O trabalho da associação livre (não sem o analista) prossegue, “como quem não quer nada”, na perseguição da verdade oculta do sintoma, num árduo trabalho de decifração que, em vez de completar a verdade com o saber, a descompleta com o saber que não se sabe, escancara-a pouco a pouco como não-toda. Quanto mais se segue adiante, mais se descompleta, contradiz, equivoca, se revela, claro, mas como “elucubração” (“trabalho assíduo, especulação vasta, artifício intrincado”, precisa o *Dicionário Houaiss*). Essas ficções de verdade são construídas pouco a pouco, até que se evidencie a sua inconsistência de um lado e, por outro, a constância fantasmática da verdade mentirosa.

Esse tempo para compreender, de construção em desconstrução, comprova certo efeito terapêutico ao desacomodar, desconcertar, “fragmentar”¹⁷ o sintoma, cristalizado como destino da neurose. Mas a construção da fantasia não é tudo o que ocorre (experiência) nesse tempo para compreender onde se tange o desprendimento do sentido.

2 - Em direção à “verdade” da estrutura: o Real impossível

“O que é a psicanálise? – pergunta mais uma vez Lacan em 1972. – É a localização daquilo que se compreende como obscurecido, daquilo que se obscurece em compreensão, pelo feito de um significante que marcou um ponto do corpo”.¹⁸ As elucubrações – o que se compreende de obscurante – procedem de um ponto de origem “um significante que marcou um ponto do corpo”.¹⁹

Como se produz essa localização do ponto de origem do sinto-

¹⁵ Lituraterria, (op. cit.).

¹⁶ Lacan. *Do sujeito, enfim, em questão* (1966/1998). No original: [...] qui représente le retour de la vérité comme tel dans la faille d'un savoir [...].

¹⁷ Soler. *Le symptôme et l'analyste* (2005).

¹⁸ Lacan. *O Saber do Psicanalista* (1971-1972/1997, p. 95). No original: [...] La psychanalyse, qu'est-ce que c'est? C'est le repérage de ce qui se comprend d'obscurci, qui s'obscurcit en compréhension, du fait d'un signifiant qui a marqué le corps [...].

¹⁹ *Idem ibidem*.

ma, “fora-da-lei” do sentido, no decorrer da associação livre, que é uma prática de fala orientada por uma verdade e procurando fazer sentido custe o que custar?

Lacan, em *O Saber do Psicanalista*, anuncia dois horizontes do significante: o material/ maternal de um lado e, por outro, o matemático. Vale notar que o horizonte é, por definição, aquilo a que não se tem acesso, mas que determina uma direção: esses dois horizontes determinam a direção da cura e o tratamento analítico do sintoma: o real como impossível e o real como ex-sistência.

O horizonte matemático do significante vetoriza a via lógica da psicanálise, a via de demonstração da verdade da estrutura: “Não há relação sexual”. O vetor matemático do significante é o vetor que reduz a articulação significante a um par ordenado (S1,S2),²⁰ e a série dos ditos a uma série infinita de +1 +1.

$$(S1 \rightarrow S2) = (S1(S1(S1(S1 \rightarrow S2)))$$

A suposição de que um significante representa o sujeito para outro significante se reduz, por fim, a uma série de Uns repetitivos, cujo horizonte é um saber S2, inacessível à série dos Uns, sempre fora de alcance do significante, no corpo (en-corps).

Nessa perspectiva, a via da associação livre demonstra uma “profunda insuficiência lógica” (inacessibilidade do 2), mas permite tanger essa verdade universal “não há relação sexual”, incurável verdade própria a cada um dos casos particulares dessa lei universal. O indecível decorrente da insuficiência lógica do vetor matemático da associação livre aponta para o fato de que não há conclusão lógica de uma análise; há decisão, seja pela saída da solução singular, pela Reação Terapêutica Negativa, ou pela infinitização da prática do sentido. Opção ética, portanto, com sequências políticas.

3 - Em direção à “verdade” do *Ya d’l’Un – Há Um: ex-sistência real*

O horizonte material e maternal do significante rompe a lógica do significante que representa o sujeito para outro significante etc. Em vez de apontar e demonstrar o que não há, possibilita mostrar o que há: há Um.

A suposição de sentido esbarra num limite e no real como impossível, a imissão do mal-entendido na direção da cura vai permitir tangenciar o real que ex-siste ao falaser, o real do vivo, de Um vivo, fora de sentido. “Desde que falamos, é um fato que supomos algo ao que se fala... É apenas pelo fato de falar... que se pode perceber que o que fala, qualquer que seja, é o que goza de si como corpo”.²¹

A prática do sentido da associação livre produz esse sentido real, a direção que vem do real e tem efeitos manifestos, não latente, na superfície da alíngua, efeitos “poemáticos”,²² mais do que poéticos, em que o “Há Um” aparece, mostra-se nos *lapsus*, no mal-entendido, (condensação, colapso do som e do sentido).

Além da razão (*raison*) da série que a cadeia associativa permite

²⁰ Lacan. *D’un Autre à l’autre*, (op. cit.). Lacan explora as propriedades do conceito da teoria dos conjuntos do “par ordenado” para extrapolar a mera articulação significante S1-> S2, e retoma esse desenvolvimento no Seminário XX *Encore*, p. 130.

²¹ *O Saber do Psicanalista*, (op. cit.), p. 95. No original: [...] Dès que nous parlons, c’est un fait que nous supposons quelque chose à ce qui se parle... C’est seulement au fait de parler que ... puisse s’apercevoir que ce qui parle, est ce qui jouit de soi comme corps [...].

²² Soler. *L’en-corps du sujet* (2003).

²³ Valéry. *Le cimetière marin* (1920/2004, p. 803).

²⁴ Lacan. *Radiophonie* (1970/2001, p. 443). No original: [...] C'est à ce joint au réel, que se trouve l'incidence politique où le psychanalyste aurait sa place s'il en était capable [...].

²⁵ Soler. *L'inconscient réinventé* (2009).

²⁶ Lacan. *Le Séminaire XXIII – Le sinthome* (1975-1976/2005, p. 7). No original: [...] La faute dont c'est l'avantage de mon sinthome de commencer par là. Sin, en anglais, veut dire ça, le péché, la première faute [...].

²⁷ Lacan. *Joyce le symptôme* (1975/2001, p. 566). No original: [...] L'inconscient, c'est un savoir em tant que parlé comme constituant de LOM [...].

²⁸ *Radiophonie*, (op. cit.), p. 415. No original: [...] Quand on reconnaîtra la sorte de plu-de-jourir qui fait dire “ça, c'est quelqu'un” on sera sur la voie d'une matière dialectique peut-être plus active que la chair à Parti, employée comme baby sitter de l'histoire. Cette voie, le psychanalyste pourra l'éclairer de sa passe [...].

extrair apontando para a não-relação sexual, ela permite também que ressoe (*reson*) o Há Um da alíngua nos tropeços do sentido.

Uma via não vai sem a outra: ao produzir a razão do Um apontando-se para o conjunto vazio que ele permite nomear e numerar como Um, produzindo um oco,²³ onde pode ecoar outra “reson”.

“É nessa articulação com o real que se encontra a incidência política em que o psicanalista teria lugar, se fosse capaz de fazê-la”.²⁴

A política do sintoma - Ato III

Seguindo a indicação de Lacan em 1958, nomeei “Interpretação” o ato que condiciona o fim de uma análise. De fato, desde o começo, e nos diversos momentos da análise, é a tática da interpretação, em sua dimensão fundamental de corte, que a conduz até seu final. Que seja se apresentando como desejo enigmático, desconcertando a ficção fantasmática, revelando as aporias da associação livre, fazendo ressoar e ecoar o mal-entendido fundamental da alíngua, a interpretação desfaz os sentidos do sintoma, as táticas obedecem a uma mesma política: a produção de seu fim, a separação, dimensão eminentemente política do sintoma. (“identidade de separação”).²⁵

O momento de concluir não é uma conclusão, mas uma decisão. “O quadro me põe para fora”, diz o artista. Quando o analisante é suficientemente poema, ele se destaca, e de autista se faz artista: sinthome: sin + l'Hom. Sin – pecado original²⁶ isto é, “Não há” + LOM²⁷ = No ponto de partida de um gozo perdido: Há Um o que pode fazer dizer no dispositivo do passe: “Ça, c'est quelqu'un!”²⁸, “Aí, tem gente!”, “This is some-body”, diríamos em inglês!

Para não dizer que não falei da clínica, vou dar um exemplo a partir de uma música infantil francesa:

Tout en passant par un petit bois, tout en passant par un petit bois
Tous les **coucous** chantaient, Tous les **coucous** chantaient
Et dans leur joli chant disaient: **coucou, coucou coucou, coucou**
Et moi, je croyais qu'ils disaient:
Coupe-lui le cou, coupe-lui le cou
Et moi je m'en **coure, coure, coure**
Et moi je m'en **courais**
Et moi je m'en **coure, coure, coure,**
Et moi je m'en **courais** toujours.

“Coupe-lui le **cou, coupe-lui le cou**”, é uma elucubração de linguagem (“moi, je croyais qu'ils disaient”, eu acreditava que ele dizia) a partir da alíngua: “**coucou, coucou coucou, coucou**”; encontro contingencial: “Tout en passant par un petit bois, Tous les **coucous** chantaient” (Enquanto passava no bosque, os cucus can-

tavam), mas que tem sérias consequências de sintoma: “Et moi je m'en **coure**, **coure**, **coure**, Et moi je m'en **courais** toujours” (E eu corria, corria para sempre...).

O sujeito pode achar que ele tem mais o que fazer na vida do que correr do outro.

Uma análise pode providenciar um encontro (contingência) com um saber fazer diferente com essa repetição da marca do significante sem sentido. Política do sintoma.

Referências bibliográficas

- FINGERMANN, D. *Por causa do pior*: São Paulo, Iluminuras, 2005.
- FINGERMANN, D. Estratégia da transferência, tática do ato, política do fim. In *Revista Textura nº 8*: São Paulo, DMM Gráfica, 2009, pp. 21-26.
- FREUD, S. Conferência XXIII (1916-1917). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago*, 1976, s/d (versão eletrônica).
- LACAN, J. Propos sur la causalité psychique. In *Écrit*: Paris: Seuil, 1966, pp. 151-193.
- LACAN, J. (1958) A direção da cura e os princípios de seu poder. In *Escritos*: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pp. 591-652.
- LACAN, J. (1966) Do sujeito em questão. In *Escritos*: Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003.
- LACAN, J. *L'acte psychanalytique (1967-1968) – Séminaire XV*: Paris, Versão ALI (inédito).
- LACAN, J. *De um outro ao Outro (1968-1969)*: Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- LACAN, J. (1970) Radiophonie. In *Outros escritos*: Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001.
- LACAN, J. (1971) Lituraterra. In *Outros escritos*: Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001.
- LACAN, J. L'Étourdit (1972). In *Autres Écrits*: Paris, Seuil, 2001, pp. 449-495.
- LACAN, J. Joyce le symptôme (1975). In *Autres Écrits*: Paris, Seuil, 2001, pp. 565-570.
- LACAN, J. *O Saber do Psicanalista (1971-1972)*: Recife, Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1997.
- LACAN, J. *Le Séminaire XXII – RSI (1974-1975)*: Paris, Versão ALI (inédito).
- LACAN, J. Conferência em Genebra sobre o sintoma (1975). In *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 23, pp. 6-16, dez. 1998.

- LACAN, J. *Le Séminaire XXIII – Le sinthome (1975-1976)*: Paris, Seuil, 2005.
- SOLER, C. *L'en-corps du sujet (Cours 2001-2002)* : Paris, Trefle Communication, 2003.
- SOLER, C. *Le symptôme et l'analyste (Cours 2004-2005)*: Paris, Trefle Communication, 2005.
- SOLER, C. *L'inconscient réinventé*: Paris, PUF, 2009.
- SOLER, C. *La Troisième de Jacques Lacan (Année 2005-2006)*: Paris, Trefle Communication, 2010.
- SOLER, C. *O corpo falante (Caderno de Stylus 1)*: São Paulo, AFCL, 2010.
- VALÉRY, P. Le cimetière marin (1920). In. *La bibliothèque de poésie (volume III)*: Paris, Éditions France Loisirs, 2004, p. 803.

Resumo

Do começo ao fim de uma análise, o que vetoriza a cura é uma política do sintoma, em três tempos, que operam um tratamento da relação entre o universal da castração e o singular da solução de ex-sistência. São três tempos lógicos da operação sobre o real do sintoma, que parte da reclamação de seu sem-sentido, prossegue com a exploração do seu sentido suposto até a sacação da sua letra – a cifra sem-sentido, ponto original das elucubrações, voltas e volteios da associação livre.

Palavras-chave

Operação; real; letra; sintoma; incurável.

Abstract

From the beginning to the end of an analysis, what fosters the cure is a symptom politics, in three periods of time which operate a treatment of the relationship between the universal of castration and the singular of the solution of ex-istence. They are three logical intervals of the operation over the real of the symptom, which depart from the complaint of its no-sense, as it proceeds with the exploration of its supposed sense until the extraction of its letter – the senseless code, original point to mental elaborations, turns and re-turns of free association.

Keywords

Operations; real; letter; symptom; incurable

Recebido

17/02/2011

Aprovado

11/03/2011

